



São inúmeros os aspectos que tornam “Estiva” (2021), da diretora Andrea França, um filme precioso. Dentre eles, destacaria as próprias imagens sobre a vinda de imigrantes. É preciso dizer, em primeiro lugar, que são raros os registros cinematográficos sobre esse tema. Não restaram no Brasil fotogramas de “Imigração e colonização no Estado de São Paulo” (1910) e “A caminho da fazenda de café” (1910), para nos atermos apenas a dois títulos contemporâneos. Já o filme “Trip to Brazil” (1910), produção da inglesa *Charles Urban Trading Company* (CUTC), teve alguns trechos recuperados pela própria diretora. Essa ausência em nossos acervos fílmicos explica o por quê de não termos documentários com imagens de época sobre o período, fato que torna o ensaio de Andrea França significativo.

Com o slogan “Nós colocamos o mundo diante de você”, a CUTC reforçava seu catálogo com pequenos filmes sobre diferentes partes do globo, pensando o cinema como meio de educação junto ao grande público em contexto marcado pelo imperialismo. Junto com “Trip to Brazil”, foram realizados “Life in San Paulo, Brazil” e “Scenes in Facenza, St. Paulo, Brazil” na viagem que o cinegrafista fez com o navio Tomaso di Savoia, considerados hoje perdidos.

A leitura que Andrea França nos proporciona dessas imagens ressalta o que nela se encontra ausente: as precárias condições de viagem, como ouvimos em um dos relatos sobre a epidemia do cólera entre os passageiros; as dificuldades sobrevividas após a chegada, como apontam os letreiros sobrepostos a respeito do acesso à terra ou dos cerceamentos à livre expressão política pela menção à Lei Adolfo Gordo (1907), que propunha a expulsão dos estrangeiros envolvidos em greves; as agruras advindas da separação familiar, trazidas pelas leituras das cartas em que são comunicadas, de forma comovente, a perda de um ente querido ou o pedido para que sejam trazidos em viagens futuras ao Brasil os objetos mais diversos. Perdidos no novo mundo, não deixa de indicar a dificuldade de enraizamento o endereço fornecido por um dos recém chegados: Estado do Rio de Janeiro, Estrada de Ferro Leopoldina, estação São José do Rio Preto.

Pela montagem de elementos visuais e textuais, recuperamos também o projeto de branqueamento implicado na política de estímulo à imigração, excluindo, como aponta o decreto de 1890, povos originários do continente asiático e, principalmente, africano. Nesse mundo ligado pelos navios que trafegam pelos oceanos, as imagens em movimento do período silencioso se ocupam do mar, da vista que temos dele a partir do porto ou da praia, ou do olhar daqueles que chegam, de dentro do navio, para a baía ou a terra. Ponto de interesse do cinema silencioso em seus primeiros passos, essas vistas constroem certa identidade visual da cidade do Rio de Janeiro em diálogo com os panoramas que as antecederam. Não por acaso, o dia 19 de junho de 1898 marca o

momento inaugural da história do cinema brasileiro: uma nota do jornal “A Gazeta de Notícias” comunicava a chegada ao Rio de Janeiro de Afonso Segreto, vindo de Paris, que a bordo de um navio e equipado de um cinematógrafo, “ao entrar à barra, fotografou (...) as fortalezas e os navios de guerra”. Mesmo os que contestam essa data apontam nos 24 fotogramas de 1897, de suposta autoria de José Roberto da Cunha Salles, outro ponto de vista: nesses fragmentos vemos o movimento das águas que se chocam contra um píer. O interesse pelo mar pode ser atestado em um pequeno filme como “Rough sea at Dover” (1895), do inglês Birt Acres. O espocar das ondas provavelmente atraía os cinegrafistas que procuravam demonstrar a superioridade técnica de seu aparelho, por meio da reprodução mais nítida possível do movimento das águas.

“Estiva” traz imagens de mares e navios, mas principalmente de pessoas. Não à toa o título desse ensaio fílmico de Andrea França nos remete à mercadoria, “a primeira porção da carga do navio”, como define o dicionário Aurélio. A experiência poética proporcionada pela obra nos recorda que, para além das questões de ordem mais geral, ligadas às memórias da cidade ou do período histórico, a centralidade reside no indivíduo e no jogo político no qual ele se insere e participa.

Eduardo Morettin

Eduardo Morettin: graduado em História, mestre em Artes e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela Université Paris I. Atualmente é professor de História do Audiovisual da Escola de Comunicações e Artes da USP.